



**Universidade:
presente!**

UFRGS
PROPEAQ



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Evento	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Representações sociais de etnia, raça e deficiência nos Jogos Parapan-Americanos Rio 2007
Autor	LUANA PARE COSTA
Orientador	JANICE ZARPELLON MAZO

Representações sociais de etnia, raça e deficiência nos Jogos Parapan-Americanos Rio 2007

O presente estudo tem como objetivo evidenciar representações sociais de etnia, raça e deficiência nos Jogos Parapan-Americanos realizados na cidade do Rio de Janeiro, no período de 12 a 19 de agosto de 2007. Para a coleta de informações, tomou-se como fonte sete edições da Revista Digital Brasil Paralímpico, publicadas pelo Comitê Paralímpico Brasileiro, no período de Junho/Julho 2006 a Janeiro/Fevereiro 2008, as quais foram submetidas à análise documental. Verificou-se que, em 1999, na cidade do México, a capital do México, foi realizada a primeira edição dos Jogos Parapan-Americanos, no modelo que conhecemos hoje. Naquela época, estiveram representados 18 países, competindo em quatro modalidades: para atletismo, para tênis de mesa, para natação e basquete em cadeira de rodas. Desde então, os Jogos Parapan-Americanos ocorreram a cada quatro anos, antecedendo os Jogos Paralímpicos. A segunda edição, realizada na Argentina, em 2003, caracterizou-se pelo acréscimo de modalidades, ao total nove foram disputadas: para atletismo, para natação, basquete em cadeira de rodas, voleibol sentado, bocha, hipismo – adestramento, para esgrima, tênis em cadeira de rodas e para ciclismo. No ano de 2007, pela primeira vez, os Jogos Parapan-Americanos e Pan-Americanos foram realizados na mesma cidade, na ocasião, no Rio de Janeiro – Brasil. Cabe ressaltar que atletas olímpicos e paralímpicos utilizaram as mesmas instalações para as competições. De tal maneira, o país iniciou sua trajetória como sede de uma sequência de megaeventos esportivos. A análise preliminar das informações coletadas permitiu evidenciar que, embora haja representações sociais acerca do Brasil como o país da diversidade, as desigualdades sociais, permeadas pelas formas hegemônicas e hierárquicas de existência e subjetivação, estão imbrincadas em seus contextos e grupos socioculturais. São inúmeras as causas historicamente atribuídas as variáveis que diferenciam, selecionam e excluem grupos e indivíduos. Por essa razão, consideramos oportuno o diálogo entre as temáticas das relações étnico-raciais e da pessoa com deficiência, contribuindo para a articulação dessas categorias na análise do fenômeno esportivo paralímpico. É importante destacar que o termo raça, nesta pesquisa, não possui relação com determinismos biológicos, mas, sim com uma perspectiva política. Nesse sentido, o conceito de raça pode ser entendido como alavanca emancipatória e não inferiorizante, atribuindo novos sentidos e significados ao nosso objeto de estudo. Até o presente momento, os resultados encontrados apontam para construções histórico-culturais que culminaram em representações sociais diversas sobre etnia, raça e deficiência: por exemplo, a campanha publicitária veiculada para a divulgação dos Jogos, na publicação de número 25, apresenta um atleta brasileiro, branco, cadeirante, de braços abertos, ao lado da imagem do Cristo Redentor. O enunciado que compõe a campanha destaca – “O esporte não tem limites: depois do Pan, começa tudo de novo. Não perca o Parapan”. Ao comparar essa imagem com as demais publicizadas se verificou a escassez de representações distintas em lugares de destaque. O corpo não se desvincula do sujeito, logo, entende-se esse local como, processos, experiências e saberes construídos coletivamente. Ora regulados e ora emancipados sempre de forma dinâmica e conflitiva. Essas operações podem se dar de diversas formas, permitindo compreensões diversas e, deste modo sentidos diferentes. Reporta-se a um discurso nacional, no qual as referências à nacionalidade se expressam na obtenção de marcas, novos recordes e na superação de limites no esporte paralímpico, presumindo sustentar-se como o elemento ligante da heterogeneidade brasileira. O esporte paralímpico se configura como um fenômeno em processo de expansão. Nessa lógica, o esporte se estabelece sob continuidades e descontinuidades, valores e feitos ligados à sociedade a qual pertence, por isso, é uma prática que deve ser entendida conforme o contexto, no tempo e no espaço de sua conformação.